



O Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753798 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 22 de Julho de 1995 • Ano LII — N.º 1340 — Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Processo de Beatificação de Pai Américo

**Próxima edição:
crónica da cerimónia
na Sé Catedral do Porto**

A periodicidade do nosso jornal não se compadece com notícias da última hora. Às vezes, os nossos cronistas antecipam o relato de factos que, na verdade, já são passados quando o jornal chega à mão dos seus leitores. Coisas sabidas antes de serem, pela tradição de muitos anos, tais como colheitas, fins de ano lectivo, idas para a praia...! Mas esta, de como decorreu na Sé do Porto a última sessão do Tribunal Eclesiástico que preparou o Processo para a Suprema Instância, é de outra natureza, não tem tradição — não pode, pois, ser notícia senão depois de consumado o acontecimento.

Por isso esta edição de O GAIATO, que sairá uma semana depois do 16 de Julho e é feita uma semana antes, não leva notícia de como foi; só no primeiro jornal de Agosto os nossos repórteres darão sinal de

si, mesmo que os *media* já tenham dito alguma coisa.

Hoje, o Evangelho recordava-nos a imensa dimensão da messe e a pequenez do número dos seus obreiros. Sempre assim foi; sempre assim será. Mas também hoje foi dia feliz no Porto — e por este tempo igual alegria em outras Dioceses — pela ordenação de novos presbíteros, que o Senhor «manda em missão como cordeiros para o meio de lobos». Que todos ouçamos e guardemos a recomendação d'Ele: «Não leveis bolsa, nem saco, nem sandálias»... que «o trabalhador merece o seu salário». E nos sossegue a certeza de que Aquele que nos envia e recomenda, não falta à Sua promessa. Como David diante de Golias, armado de uma funda e cinco seixinhos rolados, acreditemos que a arma verdadeira é o «eu vou a Ti em nome do Senhor dos exércitos, do Deus das legiões de Israel, que Tu insultastes».

Vence, somente, aquele que combate em nome do Senhor; aquele que põe nas mãos d'Ele a sua fraqueza, para que a vitória Lhe pertença e Lhe seja atribuída. Foi desta espécie Pai Américo. Interceda ele lá no Céu para que sejamos nós também.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

A imagem de Deus escondida no coração dos Pobres

POR muitos motivos, todos eles de render graças ao Céu, invade-nos uma profunda consolação interior, por se encontrar em bom andamento o Processo de Beatificação do Padre Américo.

É a «pedra de fundo», escondida no mais recôndito do edifício eclesial da Caridade que nos pode fazer render esta gratidão: a imagem de Deus escondida no coração dos Pobres.

Que Deus seja glorificado na única glória que o Padre Américo sempre procurou: a imagem de Jesus na vida e destino dos Pobres. Que este amor seja continuado; que esta acção eclesial provoque um fervor renovado, uma sensibilidade aferida e até de critério de discernimento na consagração de muitos: O Padre Américo é da Igreja.

Foi nesta Diocese de Coimbra que ele nasceu Padre. Aqui, rasgou, num profundo e constante discernimento, os alicerces da Obra da Rua. Aqui, abriu a primeira Casa do Gaiato, esta onde nos encontramos — Miranda do Corvo. E, por ser aqui, sempre que alguém nos visita há o cuidado de o dizer e, em pormenor, o mostrar. Foi

nesta Casa-mãe de Miranda do Corvo que pela primeira vez pernitoitou com os primeiros três gaiatos trazidos das ruas de Coimbra. Foi aqui «que se acabaram as horas amargas por ter encontrado uma Casa para eles» — 7 de Janeiro de 1940.

Hoje, nesse quartinho, porque os apelos são do mesmo quilate, dormem os dois gémeos de Alverca. A seguir o Fabinho de Vialonga; João da Luz do Bombarral; e os quatro «Raposos» de Castanheira do Ribatejo. Águas do mesmo Tejo; levadas do mesmo abandono...

Um santuário verdadeiro, cujas relíquias são estes seres vivos num permanente desafio à entrega de amor que consumiu o coração do Padre Américo. E quantos mais por ali não terão passado, ao longo de mais de cinquenta anos! Deus o sabe. Nem eles nem eu; nenhum de nós saberá, por certo, apreciar este tão grande dom... É algo que nos ultrapassa infinitamente.

Damos graças. E procuramos ser fiéis no apreciar e agir.

Padre João

BENGUELA

Festa da Obra da Rua

ESTOU a escrever na semana da preparação da festa da Obra da Rua. O 16 de Julho é o Dia da Obra da Rua. Neste dia, Pai Américo recebeu o prémio prometido aos que dão a vida pelo Amor. Partiu para o seio de Deus. Ficou connosco, entretanto, na herança que nos deixou.

Os últimos tempos da gestação da Obra da Rua coincidiram com a guerra mais violenta deste século, a segunda Guerra Mundial. Talvez, por isso, o encontro com Pai Américo, neste dia e nesta terra, massacrada por uma guerra sem precedentes, seja mais íntimo e mais profundo. Pai Américo é de agora como o foi de há cinquenta anos. O seu carisma é duma actualidade chocante, como é o dum Francisco de Assis ou dum padre Damião e tantos outros.

Os valores contidos na mensagem de Pai Américo não morrem. São do Evangelho puro. Perdoem referir-me ao testemunho de tantos leitores d'O GAIATO quando dizem que nele encontram o Evangelho actual. Pai Américo encontra-se nesta terra de Angola com uma multidão de filhos da rua. Encontra-se com o mundo dos Pobres que vivem na miséria a todos

os níveis. Não é minoria, é maioria. A Caridade escandalosa vivida por Pai Américo é valor necessário para a reconstrução duma Angola humana, onde todos os seus filhos tenham um lugar digno à mesa e não venham a comer as migalhas que os novos ricos deixam cair, depois de saciados.

Emprestei, há tempos, um dos livros de Pai Américo, *O Pão dos Pobres*, a um rapaz interessado em conhecer-nos um pouco mais. O comentário que fez, depois da leitura, foi este: — *A situação que se vive em Angola é a mesma. O remédio também. Pai Américo amou e libertou. Esta é a caridade verdadeira.*

A vida do povo está dura

Em conversa diária com os rapazes, à hora da oração familiar, vou-os ajudando a conhecer melhor o cerne da Obra que é deles também. Trata-se de valores universais, válidos para qualquer país ou cultura. Deste modo, o encontro com Pai Américo será mais vivo. Continua a ter a força sedutora

de sempre para os que não se contentam com meias medidas.

A vida do povo está tremendamente dura. A inflação torna a vida impossível para quem quer viver com um mínimo de dignidade. A paz caminha lentamente. O povo refugiado nesta zona não pode regressar às suas terras. Quem produz e vende, compra caro mas vende caro. Quem não produz, porque não pode, e tem que comprar, como fazer? A sociedade, deste modo, vai gerando cada vez mais criminosos.

Vou continuando a falar da nossa escola. É a obra que, neste momento, temos nas mãos. Também anda devagarinho. Que é que podemos fazer sem paciência? Bem sei que as crianças não podem esperar. Há um slogan que aparece na televisão que diz: a criança tem um nome, chama-se Agora. Fico triste quando se fala muito, mas se fez pouco ou nada.

Deste cantinho, cá de muito longe, vamos acompanhando com muito interesse o caminho do Processo de Beatificação de Pai Américo. Mais um motivo para que o 16 de Julho deste ano tenha um sabor mais fino.

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Panoramas bem diferentes

Ainda recordas a foto de barraca publicada neste nosso jornal há duas quinzenas?

A primeira vez que fomos àquele lugar, encontramos um panorama desumano. Quatro famílias e muitas crianças a viverem naquele tugúrio. Era dia de chuva e lama. Cá fora um cordel esticado tinha roupa dependurada.

Ficámos com o coração e alma doridos: «*Meu Deus, quanta miséria e quanta dor caminha!*»

Agora voltámos lá. A barraca estava vazia e mais danificada. Já não vive ali ninguém.

Quisemos ver onde foram albergados. A Câmara da terra mandou construir casas e pô-las à disposição daquela gente, por rendas económicas. Para aquelas famílias e muitas outras em necessidade. Outro panorama a alegrar-nos o coração e a alma.

Consola-nos passar por aquela nova cidade. Vê-la crescer. Admiramos do que é capaz um autarca dedicado que consegue unir os esforços dos outros autarcas — e fazem maravilhas.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

NOVOS MENDIGOS — Tantos pelo Mundo fora! Novos porque com características diferentes das habituais. Às vezes, casos difíceis que obrigam a uma Caridade inventiva. Partilha mais discreta.

Curiosamente, há já Imprensa motivada seriamente para os problemas sociais. Eis um recorte de semanário regionalista com mais de sessenta anos:

«Os novos mendigos distinguem-se pelo modo envergonhado com que se aproximam das pessoas, pelo modo educado com que falam. Há neles, apesar de tudo, uma última e tênue centelha de dignidade. Em tempos foram Pobres, mas não miseráveis. Viviam do seu salário, que era baixo, e nem sempre fixo, mas ia dando para as despesas. Até que um dia ficaram desempregados (ou reformados ou doentes). E quando a fome apertou demais, esgotadas as parcas economias (...), vendidas as coisas de casa possíveis de vender, sem ninguém a quem recorrerem, sem quaisquer apoios, foram de mão estendida...»

REPOR — Recheámos a despesa do Pobre, indicado na edição anterior. E, entre mãos, deixámos os fundos necessários para o mais instante. Exultou com lágrimas nos olhos.

— *Eu depois reponho o que me deram.*

Aquele repórter é um verbo vulgar... pois na situação em que está — pensão de quarenta contos — não poderá cumprir um desejo tão nobre. Nessa utopia revela delicadeza, dignidade que não se coíbe de expressar. Sopro divino que estimula a caminhada!

PARTILHA — Oferta da assinante 8527, Silvalde (Espinho); outra, da viúva do assinante 13245, Porto, que não foram aqui referidas oportunamente por avaria no computador d'O GAIATO. Perdoem a involuntária omissão.

Seis mil, da assinante 20517, Fiães (Feira), «para melhorar um Pobre em alguma coisa».

Porto: «Migalhinha de 5.000\$00 relativa ao mês de Junho. Continuo a louvar o Senhor, nosso Deus, pelas maravilhas que faz, através dos vicentinos, a favor dos irmãos carecidos. Um abraço para todos, da velha amiga» que assina «uma portuense qualquer». O nosso Padre Carlos assinala: «Já não me lembrava, há muito, da prestação desta senhora!»

Outra presença de Fiães (Feira), assinante 31254, com um «cheque de dezasseis mil e quinhentos escudos, sendo sete mil e quinhentos a mensalidade de Julho e o restante gostaria que fosse para comprarem algum medicamento destinado a um(a) pensionista. Agradeço o anonimato. Vai o meu abraço amigo e votos de boas férias para todos». A missiva traz no topo um pensamento de Flaubert: «O coração é uma riqueza que não se vende nem se compra: presenteia-se».

Pelas CASAS DO GAIATO

Mil escudos, do assinante 27121, de Queluz, com amizade pelos Pobres e por todos nós.

Assinante 32217, Vancouver (Canadá): «Pequena ajuda para os Pobres (vinte dólares) que, nesta época de Verão, por causa das preocupações das férias, ficam mais esquecidos e são eles que sofrem. Por isso, Deus abra mais os corações de bem-fazer». Vive intensamente os problemas de quem precisa!

O óbolo da assinante 31104, de Lisboa, enviado «todos os meses com tanta devoção».

A «avó dos cinco netinhos» manda «a pequenina gota para o mar imenso das necessidades dos Pobres, relativa ao mês de Junho». Uma presença sempre muito certinha.

Assinante 21319, de Guimarães: «Vale de correio no valor de dez mil escudos. Peço o favor de distribuírem pelos nossos irmãos necessitados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Também peço, por favor, que não mandem agradecimentos. Não tenho que prestar contas a ninguém. Só a Deus. Se for possível, registar n'O GAIATO apenas o número de assinante. Mas, de qualquer forma, fico com a certeza de que chegará aí sem problema algum. Creio que compreendem. (...) Aceitem as minhas saudações cristãs».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O segundo turno já foi para Azurara. Iam contentes.

Regressou o primeiro. Alguns rapazes chegaram bastante morenos. Outros, na mesma.

OBRAS — Vieram dois trabalhadores duma empresa polir os tacos da casa 4 de cima e de baixo.

Estão a reconstruir também o nosso salão de festas.

AGRICULTURA — Já procedemos à colheita da batata em dois campos. Mas ainda faltam três.

GADO — Nasceu uma ninhada de porquinhos e também um vitelinho.

«Cato»

FUTEBOL — É o desporto mais praticado em nossa Casa. Ainda chegámos a fazer mais um jogo para fecho da época.

Em 1 de Julho defrontámos uma selecção. Equipa muito bem constituída e com grandes jogadores.

Um jogo bem disputado, com muitos golos. Resultado: 6-4. Pois claro, a nosso favor.

No sábado, 8 de Julho, fizemos um mini-torneio de futebol entre nós, no recinto mais desejado da malta para a prática do desporto-rei: junto à adega. Ali só jogam os «duros» e os «habilidosos». É o sítio onde os nossos jogadores ganham coragem para enfrentarem os adversários.

A equipa que ganhou, arrecadou um prémio de dois mil escudos. Com esses dois mil, foram depois merendar ao café.

PISCINA — Afinal, quando é que vamos começar a dar uns mergulhos na piscina?

Nunca aconteceu o que está a acontecer.

Os denominados responsáveis parece que não querem saber de nada. O que se passa afinal? É uma pergunta de todos nós, para nós!

Alguns estudantes já começaram a limpá-la. Essa é boa! Talvez comecemos a dar uns mergulhos no Outono...!

AZURARA — Como ela está? Muitas construções e muitas modificações...

Neste domingo fui dar um passeio à praia de Azurara, visitar os nossos rapazes que se encontram de férias.

Quando cheguei, o primeiro que vi foi o Adão («100%»). Estava deitado em cima do muro. Talvez pensando no sol que não aparecia ou até nas amigas que nunca mais chegavam. Não sei...!

Depois, dou de caras com alguns miúdos: Samuel, «Pimentinha», Ricky, Ricardo, «Doutor», «Botija», etc.

— *Olha, quem está aqui! Em Paço de Sousa está tudo bem?*

Dei sempre uma resposta afirmativa de que tudo estava bem.

De seguida, entro na cozinha e noto os copeiros muito atarefados e contentes por me verem. Muitas perguntas. Por fim, fui às camaratas. Estava o «Pião» de vassoura na mão, a meter tudo em ordem e também o Ricardinho.

Em nossa casa de praia, cada rapaz tem uma obrigação.

E foi assim a minha visita. Está tudo bem e correu tudo bem.

Repórter X

TOJAL

FÉRIAS — O primeiro grupo regressou neste fim-de-semana. Gostaram dos ares de

Sintra. Temos muito espaço para brincar, para além da piscina; aqueles montes todos e também o campo de futebol. Pensam em mandar para lá bicicletas, uma vez que não há computadores. Continuamos a ir à praia de manhã, o que é muito pouco.

PISCINA — É o entretenimento de Verão para os que ainda não foram à praia. Em dias úteis das 17,30 às 18,30 e aos fins-de-semana das 16,30 às 18,30. Depois de um dia de trabalho sabe bem dar uns mergulhos e nadar. Sonho luminoso: uma prancha para a malta mostrar as suas acrobacias.

OBRAS — Estamos a modificar a querida casa-mãe. Depois de muitos anos sempre com a mesma cara, um pouco triste, irá dar um sorriso com pequenas alterações. De resto, apenas um arranjo e pintura. Para além da casa-mãe continuamos a construção do rinque e outras coisitas que precisam de ser reparadas de vez em quando.

OBRIGAÇÕES — Nesta época, o grupo da obrigação fará a copa ao almoço e jantar. Teremos muito mais gente disponível para outras tarefas e dispusemos também outro grupo para a reparação da casa-mãe integrados na empresa construtora.

VISITAS — Temos recebido muitas excursões, de visita a nossa Casa. Tempo de repouso para uns e para outros, conforme o seu projecto de férias ou a sua vida.

AGRICULTURA — Diariamente regamos os campos, cultivados com as mais variadíssimas coisas. Andámos na recolha do feno, apanhámos a fava e agora estamos na apanha da batata.

OFERTAS — Agradecemos ao Banco Alimentar a generosa oferta de gelados muitíssimo apreciados pela malta; assim como os refrescos.

Agradecemos também a outras empresas e pessoas que nos ajudam quando mais precisamos.

OFICINAS — A tipografia encerrará em Agosto, para férias. A carpintaria, também. Só a serralharia continuará no activo. E o escritório durante todo o Verão.

Casa de férias em Sintra

PRAIA — Com belas paisagens; quiosque num lado e

praia noutro. Os banheiros já nos conhecem, assim como também já os conhecemos. É curioso o dia-a-dia na Praia Grande.

OBRIGAÇÕES — Também em férias, todos e cada um tem a sua obrigação. Lá só limpamos a piscina, os quartos e os terraços em volta da casa. Lavamos a loiça, limpamos o refeitório, varremos a casa por dentro e por fora e regamos os jardins. É fácil.

PISCINA — Tomamos banho na piscina, das 16,30 até à hora do Terço. Por vezes há excepções: quando não vamos ao mar de manhã, estamos lá também.

DIA-A-DIA — Levantamo-nos às 8 horas. Depois é o pequeno-almoço e seguimos para a praia. Regressamos para o almoço e, em seguida, cada um fará a sua obrigação até às 16,30. Após o jantar, os mais velhos vão à bica, outros jogam *snooper*, vêem televisão e alguns estendem-se na cama.

Joaquim M. Fernandes Pinto

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Elas cá vão andando. Temos cá uns pedreiros e andamos a fazer canalizações. Durante a semana todos muito atarefados porque é preciso muita gente para ajudar os trabalhadores. Também veio uma escavadora abrir buracos para as ditas canalizações.

Aos poucos a nossa Casa fica bastante bonita.

AGRICULTURA — As batatas já foram colhidas. São bastante grandes. O milho cresce e começa a aparecer a espiga. O feijão está grande. Todos os dias regamos os nossos lindos jardins.

CAPELA — Durante uma semana a nossa Capela mudou de vista com novos cortinados e nova passadeira. Os da entrada abrem consoante nós puxamos um fiozinho.

GADO — Ofereceram duas cabritas e todos os dias lá vão pastar. Nasceu um vitelinho. As galinhas pequenas têm quase o tamanho das maiores. Os cinco corvos cantam tão bem!

OFERTAS — Quase todos os dias a nossa carrinha vai de manhã buscar sobras do hiper-

mercado Continente: muita fruta e muito pão que não é preciso cozê-lo na padaria!

DESPORTO — Espero, quando nos vierem visitar, tragam uma equipa de futebol para nos defrontar. Os tempos livres de alguns rapazes são quase sempre a jogar futebol. Agora também têm a mania de jogar cartas.

Rui «Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Foi no dia 23 de Outubro de 1887 que nasceu Pai Américo, no lugar do Bairro da freguesia de Galegos, concelho de Penafiel, distrito do Porto, e em 4 de Novembro do mesmo ano era baptizado na Igreja da sua paróquia. Segundo lemos sobre Pai Américo, queria a mãe que se chamasse Adriano. Mas o padrinho, seu tio, impôs-se e disse: — Não senhor Abade, Américo é que vai ser; é o nome do senhor Bispo do Porto (na altura). E assim foi. E ficou para sempre na história dos Grandes de Portugal e da Igreja. Dedicou a maior parte da sua vida aos gaiatos, aos doentes e todos os pobres que podia ajudar.

Falamos este mês deste grande Homem que foi um amigo e um Pai para muitos de nós. A 16 de Julho celebrámos mais um aniversário (39 anos) da sua morte.

Recordamos esta data com alegria, pois ele está perto de nós e protege-nos sempre que o referimos e com a expressão *Pai Américo*, pois assim é que o vimos, protector amigo e Pai.

Temos um pedido a fazer: uma nossa amiga que ajudamos precisa muito de um frigorífico pequeno, mas que trabalhe. Essa senhora é a mãe daquele rapaz que está tuberculoso. Com o calor, os alimentos estragam-se e eles não têm recursos.

RECEBEMOS — De J. R. D., 2.000\$00. Hipólito, 10.000\$00.

Agora, ajudas para os dois irmãos que vivem numas barracas perto da Ponte D. Luís.

M. M., 10.000\$00 e uma carta que a certa altura afirma: «Dizem que só faltam 1.000 contos para arranjar as casas? Valha-me Deus! Não haverá 100 pessoas de boa vontade que enviem 10 contos cada?! Dez contos que tantas vezes se gastam em coisas supérfluas e que podiam fazer a felicidade de duas famílias. Para já envio os meus 10 contos. Vamos ficar à espera dos outros 99? Tenho uma grande fé que sim».

M.ª A. Madureira, 100.000\$. Assinante 6313, 250.000\$00.

Bem hajam todos pela vossa generosidade. Deus lhes pague.

Maria Germana e Augusto

PENSAMENTO

O dar é uma arte divina. Complexo majestoso de muito acerto, de muita oportunidade, de muito saber e de muito amor de Deus.

PAI AMÉRICO

«Servir é vara direita que é servil quando se entorta»

O CORRERAM-ME estes versos de António Correia de Oliveira, ao pensar nas contradições da Justiça dos homens — «vara» direita que se pretendeu e tantas vezes se entorta.

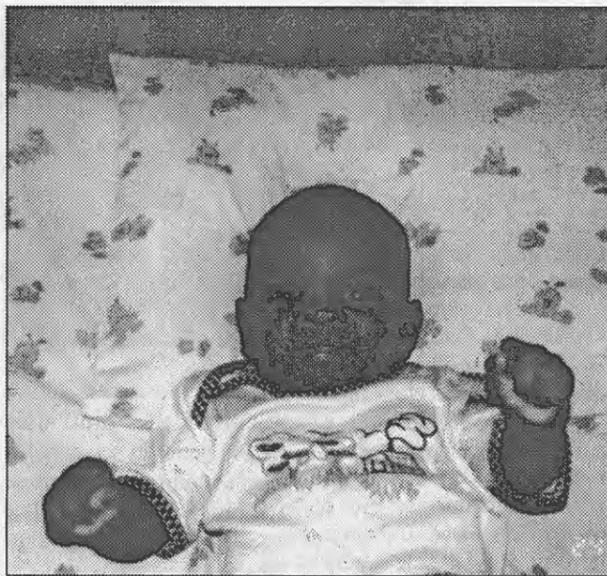
A seu tempo se falou da morte do nosso Manuel Abílio e da situação em que ficou a mulher e a filha, agora com dois anos: Um andar começado a pagar numa estrutura de amortização que custa 66 contos mensais. Eram ele e ela a trabalhar; o cinto apertadinho — e lá iam levando o fardo. Agora é ela só a pegar-lhe e o que ganha não chega sequer para a mensalidade do apartamento.

Logo nos pusemos em campo e encontramos da parte do Banco financiador surpreendente disponibi-

lidade para a reconversão da dita estrutura de pagamento de forma a torná-la muito mais leve, quase viável para as posses dela. Só que tudo dependia de autorização judicial, dada a existência da menor e a exigência do respectivo inventário e nomeação de um tutor.

Voltámos as nossas diligências para o Tribunal pedindo urgência, para que aquelas mãe e filha não percamos o único bem que estão em transe de possuir... daqui a vinte e tantos anos, se não ficarem já sem ele por falta de pagamento. Expliquei que um pequenino grupo se juntou para ir saldando a dívida mensal — gente que faz sacrifício e não pode suportá-lo muito mais.

A Linha Maginot, naquele tempo, não foi capaz de



Moçambique: Emanuel sempre risonho!

impedir a invasão da França. Aqui e agora, os montes de processos em via de despacho foram barreira intransponível à minha argumentação! Enchocado em suor, subi no Tribunal, a outros níveis. Igual desilusão. Parece que propunha uma iniquidade no pedir atenção e desembaraço para uma causa tão

concreta, tão humana, tão simples, parece-me que tão justa!

Mais uma experiência dolorosa nas circunvoluções do Direito posto para defender Menores que, de tão hirto, tão pouco humano, na pretensão de defendê-los até é capaz de esbulhá-los.

Padre Carlos

DOCTRINA



Mais palavras a encarecer o livro

POIS sim; hei-de contar pelas minhas mãos e despachar pelo correio as remessas do livro que alguns sacerdotes amigos, à frente de Paróquias, me têm solicitado. Declarando antecipadamente a estes moços piedosos que a simpatia deles pelo *Pão dos Pobres*, maior desejo de o distribuir a almas famintas, são o penhor do seu zelo e a glória do meu trabalho. Sim, queridos Rapazes, vós sois do meu tempo, na comunidade religiosa do Seminário onde cheguei tarde, sim, porém, muito a horas de aprender de vós lições de virtude.

O *Pão dos Pobres* é doutrina do Mestre; e tanto assim que um de entre os Padres que mo pede, declara que o deseja ler e comentar à estação da Missa paroquial, qual texto do Evangelho. Lido por vós nos púlpitos e altares ou à mistura com outros nas montras dos livreiros, este livro não é para o público nem a ele dedicado; que o grande público, ávido de notícias e pronto a criticá-las, não no merece. É, sim, para as elites do Bem que conhecem todas as notas do sofrimento e sabem tocá-las com amor.

NÃO tem autor, o livro. O Padre Américo que vem na fachada, é única e simplesmente o ouvinte das queixas do Pobre a pedir pão. Há inúmeras passagens no decorrer do texto que fazem chorar a gente. São precisamente aquelas em que o Pobre se queixa, a chorar, que te fazem chorar também quando as lê e eu quando as ouço. Livro de lágrimas vivas vertidas por Irmãos nossos a pedir pão, não podia ter outro nome nem ser outra coisa senão somente aquilo que realmente é — *Pão dos Pobres*. «Tira as tuas sandálias que é santo o lugar que pisas!» Não pode ser para o grande público, com tal divisa. Mando-vos agora os exemplares do primeiro volume e, a seu tempo, farei o mesmo com exemplares do segundo e, a seguir, do terceiro; que quem ler o primeiro fica com fome de mais.

QUERIDOS e saudosos Rapazes: Não há nada que mais prejudique e deprecie as obras sociais do que chamar-lhes e tê-las na conta de sua obra — quem no mundo as realiza. Nem há nada que mais humilhe os obreiros do Evangelho do que alguém chamar e considerar como *deles*, as obras em que se empregam. Instruídos, como sois, nas coisas santas e afeitos a tocar com os dedos as «realidades que não aparecem» — vós não haveis de profanar o *Pão dos Pobres*, chamando-lhe, como outros fazem, obra do Padre Américo.

É obra da Igreja. É Acção Católica. Quando ela, a Acção Católica, chegou à Diocese de Coimbra, organizada em linha de combate, já eu por cá andava na minha organização *americana* (isto é, que vem do Padre Américo) um tudo-nadinha fora de ordem, não há dúvida, mas talvez por isso mesmo tenha mais graça e mais rendimento. Se mais alguns sacerdotes quiserem dar de comer aos dos seus paroquianos com fome e sede de justiça, peçam o *Pão dos Pobres* enquanto é tempo.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

pelo povo a favor dos mais fracos e doentes.

Foi um milagre destes que ficamos a pedir ao Senhor, no dia 16 de Julho na nossa Capela para que o Espírito que pressionou o Padre Américo entre na alma do Povo de Deus e este experimente o que é ser santo.

Que o Padre Américo não vá para os altares para lhe acenderem uma velinha ou pôr uma flor junto da sua imagem.

Que vá porque ele é um altar! Um altar de sacrifício pelos Pobres «até ao desgaste final» sem titubear

um instante, na certeza devoradora de que o Amor Verdadeiro vence tudo, que não há pecado que a Morte e Ressurreição de Jesus não vença, de que não há pobreza endêmica, como hoje se proclama, o que há é desamor endêmico.

Que todos os altares gritem, como Ele gritou: «o nosso povo é exuberante em associações de ideias. A verdade nasce-lhe dentro. Compreende. Sabe extremar. Tem saudades dos tempos em que 'os sacerdotes eram de ouro e os cálices de pau'».

Padre Acílio

PASSO A PASSO

Muitos dos nossos rapazes procuram encontrar a vida junto de nós

AINDA hoje muitos homens continuam a procurar a vida no enaltecimento do seu eu. Experimentam milhentos caminhos para obter felicidade e, porque não a encontram, procuram-na por fim na morte. Assim terminam suas experiências e suas vidas, muitas vezes em idade ainda jovem.

Para além dos fracassos pessoais que elas vão trazendo até ao fracasso final, muito mal vai sendo semeado nos caminhos da vida. Transformar este mal destruidor em vida é tarefa a que todos os dias somos chamados. Para isso existimos. Não porque sejamos melhores que os outros, mas porque acreditamos que a vida só está em nós porque nos é dada e não porque lhe demos origem. Não somos senhores mas servos.

Muitos dos nossos rapazes procuram encontrar a vida junto de nós, conosco. Grande parte deles conheceu modos de viver aniquiladores da dignidade, caminhos de morte, e os rejeitou. Anseiam pela vida. Deus nos ajude a contribuir para isso.

Um dos últimos que cá chegou cresceu num ambiente pantanoso até que, chegado à idade da consciência dos actos

alheios, correu à polícia e pediu que o arrancasse da situação em que se encontrava. Chegou cá e agora procura integrar-se na normalidade da vida.

A recusa da morte é inata ao homem. Os homens querem viver. Mas se às vezes preferem morrer é porque não encontram a Vida na sua vida.

A nós, cabe apontá-la, e, com a graça de Deus, mostrá-la. Mas, para que isto aconteça, temos de morrer para que a Vida possa ser, em nós. O Senhor bem podia dizer: «Quem me vê, vê o Pai». Mas nós?! Tanta imperfeição!

No entanto Ele chama-nos a isso mesmo. «Sede perfeitos como o Pai do Céu é perfeito.» Quem poderá recusar-Lhe este pedido? É duro vencermo-nos e deixarmos-nos vencer. Ainda assim «faça-se em Mim segundo a Tua palavra!»

É este o caminho da Vida. Homem, porque esperas para pôr-te a caminho? Voltas as costas porque tens muitas riquezas? Pois, é preciso ser pobre. Os discípulos de João Baptista perguntaram a Jesus se era o Messias. Ao que Ele respondeu: «Ide contar a João... A Boa Nova é anunciada aos Pobres».

Só o Pobre não tem em si a segurança do seu dia; precisa, sai de si e vai ao encontro do outro. O seu eu é para partilhar.

Padre Júlio

SETÚBAL

NÃO fomos ao Porto no dia 16 de Julho.

Preferimos ficar em Casa. Rezar na nossa Capela. Dar graças a Deus pelos dons que fez brilhar no Seu servo e pedir perdão por tão pouco aproveitarmos os talentos distribuídos.

Desgosta-nos tudo o que é mundo e à maneira do mundo! Que ninguém nos leve a mal. É assim que entendemos. A carga dos Pobres não nos deixa agir diferentemente. A manifestações há sempre muito quem vá.

A opção não tem nada contra a grandeza do Homem de Deus que Ele é, o pedagogo no compromisso vital que seguimos; é, antes, uma afirmação silenciosa e sofredora

de quanto Ele quis fazer deste País um Portugal melhor e desta Igreja, uma força de Amor!

Na página 46, 2.º parágrafo do livro *Padre Américo — Textos escolhidos* encontrei esta sua afirmação: «A canonização do povo não leva à glória dos altares, sim, mas é relâmpago inspirado; a voz dele é voz de Deus. Se Jesus de Nazaré fosse de canonizar, tê-lo-ia sido pelo povo no 'bendito seja o ventre que Te trouxe mais os peitos que Te amamentaram'. Abnegação, generosidade, tino, nome, palavra — brilhantes por lapidar dentro da alma do povo».

Certa Misericórdia pediu a Casa da Arrábida para dar

férias aos seus idosos durante quinze dias. Com muita alegria marquei na agenda e fui mostrar a Casa mais os utensílios disponíveis. Tudo bem.

Passadas semanas telefonaram a dizer que desistiam. Intrigado, perguntei porquê.

— *A Empresa que nos servia as refeições leva-nos um preço incompatível para as nossas capacidades financeiras. Não seria possível arranjar uma cozinheira e mais alguém e os idosos ajudarem?*

Todos sofremos porque hoje se cultiva muito o faz de conta e pouco a realidade.

A Instituição, com um nome tão bonito, ou não tem dinâmica evangélica ou teve medo de mexer na sua fachada.

Outro grupo de idosos iria a seguir. E foram!... Que maravilha!... Sempre mais de quarenta pessoas, juntando-se nos

dois fins-de-semana uma centena.

Os mais válidos serviam os mais doentes, numa experiência fraternal de encantar e no exercício da *Misericórdia*. Toda a gente fez limpeza, cozinha, copa. Carregou água, levou comida à cama, serviu doentes. Uma alegria interior e uma consolação sobrenatural inundavam os corações e os rostos. À maneira das Casas do Gaiato. Na experiência delas e doutrina evangélica que o Padre Américo ensaiou.

Ora eu vejo aqui um milagre!... Sem posses, mas com amor, tudo partilhado, é possível o que o homem sonha e precisa. Uma verdadeira canonização do Padre Américo. Tão fácil, tão simples, tão humana e sobrenatural como na multiplicação do pão e dos peixes! — «Dai-lhes vós de comer!»

É uma canonização destas que me atrai, feita

O «Rocha»

A família na diáspora tem sido provada pela visita da «irmã» morte. Tivéssemos nós dela uma visão cristã e «franciscana» e tal nos mitigaria a dor que sempre a acompanha. Que assim seja com as famílias dos nossos que ela visitou.

Há semanas foi o Licínio, em França, de cujo lar partiu um filho na pujança dos seus 20 anos.

Ontem fomos surpreendidos por notícia de Joanesburgo: A mulher do nosso Manuel «Pedreiro», vítima de um assalto na rua, tal qual se vem repetindo por lá... e em muitas outras latitudes.

E por telefonema de França da mulher do

Arnaldo António Pacheco dos Reis, entre nós, o «Rocha».

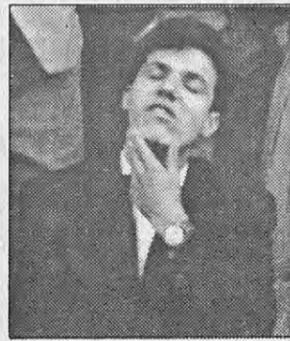
Deste não foi surpresa. Desde não sei quando o minava um cancro, cujos efeitos eram já bem notórios a última vez que nos visitou. Há mais de um ano foi, pois não pôde estar presente, como tanto desejava, na reunião dos «velhos» no 16 de Julho de 1994. E se dessa última visita nos ficou uma imagem triste do seu abatimento físico, também ficou a consolação da sua coragem, feita de Esperança («Rezem por mim; peçam ao Pai Américo») e de aceitação da vontade de Deus. Meses atrás

telefonou. Foi a última vez que o ouvimos.

O «Rocha» pertenceu a uma geração que deixou marca nesta Casa de Paço de Sousa e nos marcou também. Foi chefe no campo e na casa 4 de cima. Quando fazia *tribunal* e a malta enrodiava a verdade, ele punha-lhes a mão no coração e aparecia o culpado.

No abrir das minas de ferro na Campeã, ele e outros dois foram trabalhar lá. Um sonho grande de um grande Amigo, o Dr. Angelo César, que teve um doloroso acorder.

Depois, já casado, o «Rocha» emigrou para França, onde lhe nasceram e cresceram filhos e netos.



Eram estes que ainda o prendiam lá. Mas uma grande parte do seu coração nunca daqui saiu nem se apagou o desejo de voltar um dia e por aqui acabar seus dias.

Foi diferente; foi como Deus proporcionou — bendito Ele seja.

Agora no Céu, temos mais uma luz e um intercessor.

Padre Carlos

Os gaiatos vivem um grande acontecimento

ERA Setembro de 44. Fim de tarde. Saímos do Porto rumo à Casa do Gaiato, pela mão de casal muito amigo. À medida que o carro avançava, ficavam para trás nove anos cheios de nada... E, no entanto, tantas coisas aconteceram até ao momento em que, entrados no portão, deparei com a figura e presença de Pai Américo.

Na minha habitação à Rua, aquele momento assustou-me. Susto de criança por se ver transferido de uma vida sem nada para uma outra onde iria possuir tudo... Rezava-se o Terço. Pai Américo movimentava-se, como sempre o fez, num espaço de cerca de vinte metros. Muitos rapazes, uns mais novos e outros mais velhos do que eu. Do campo, com carro de bois carregado de espigas, vinham o «Lua» e o Daniel. Findo o acto comunitário, Pai Américo aproximou-se de nós. As coisas já deviam estar combinadas porque a conversa durou uns escassos cinco minutos. Chamado, Sérgio conduziu-me ao refeitório depois de me ter despedido do casal que até ali me trouxera.

A sala era ampla e as mesas estavam todas ocupadas. Fui apresentado como mais um, sentei-me... mas não comi. Timidez, vergonha, estranheza?... Talvez um pouco de tudo isso, que nem a cama, pela primeira vez confortável, conseguiu dissipar.

No dia seguinte começou a minha aprendizagem do ambiente e o conhecimento dos meus novos amigos. O Constantino, o Carlos Gonçalves, o «Velha», irrepreensíveis nos seus aventais de cozinheiros. O Amadeu Elvas, o Zé Eduardo e parece-me que o Celorico, quais refeiteiros, também, como Pai Américo gostava e D. Sara exigia, irrepreensíveis nos seus aventais e barretes brancos. E muitos outros, em outros trabalhos e funções.

Veio Outubro. Veio a Escola. Passaram-se os meses e os anos. Todos eles com a sua importância. Tudo é importante nas Casas do Gaiato para ser também importante fora delas.

Aprendi, como todos, a amar e dar sentido ao nome de Pai. Por isso lhe chamávamos, chamamos e continuaremos a chamar Pai Américo.

Fui, como muitos outros, chamado à responsabilidade. Vivi, como todos, momentos bons e outros menos bons, com alegrias e tristezas, altos e baixos. Cai e ajudaram-me a levantar.

Pai Américo conseguiu, para todos nós, tudo o que lhe nascia da alma. Primeiro, muito só. Mais tarde, já com os nossos Padres, que entretanto o Senhor foi mandando e que Ele sabe e nós também o quanto se deram, e amaram, e sofreram, e se gastaram pelos rapazes e pelos pobres que aqui ou ali, lhes foram confiados.

Daí o nosso profundo respeito. Daí a nossa profunda admiração. Daí a nossa profunda gratidão por todos os Padres que ao longo destes anos têm e constituem a Obra da Rua.

Este momento de Festa que ora vivemos, temos de fazê-lo chegar aos nossos amigos de todas as horas. As senhoras que tão abnegadamente gastam a sua vida. Aos nossos casais que em certa medida conseguiram libertar-se e dar-se como continuadores de uma Obra que, por ser de Deus, nós não temos o direito de deixar destruir. É preciso que os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos mantenham viva nos seus corações a presença de Pai Américo. À Igreja, à qual Pai Américo sempre pertenceu. Finalmente a todos os Gaiatos, passados e presentes e futuros para que mantenham viva no seu pensamento e no seu coração aquela imagem serena e bela de Pai com que o último número de O GAIATO nos presenteou.

Cândido Pereira

Cartas

«Pão dos Pobres»

Antes de mais, obrigada por tudo quanto tendes feito por mim, através do vosso Jornal. Essas palavras não são como as outras que o vento leva; ressoam no coração e, não raras vezes, fazem correr as lágrimas. São lágrimas de emoção

que, simultaneamente, agradecem a Deus e lamentam a minha pequenez e a minha cobardia.

No vosso (nosso) Jornal, gosto sobretudo dos excertos do Pão dos Pobres que, se põem o dedo na ferida, não deixam de nos dar uma imensa esperança pois são testemunho vivo do

amor actuante de Jesus. Como professora, aprecio também muito as vossas opiniões e os vossos desabaços no que diz respeito aos problemas da educação. Devo dizer que os sinto como meus, principalmente agora que estou num escola cujos alunos vêm de meios muito

desfavorecidos em todos os aspectos. Como é evidente, torna-se muito difícil lidar com estes jovens e, infelizmente, nem todos os professores têm a tal «paciência» (amor) de que falavam na última edição d'O GAIATO. Também os há que confundem paciência com permissividade e fecham os olhos a muita coisa a que não deviam fechar, em nada ajudando os seus alunos.

Educar é algo de muito gratificante, quando se tem a consciência do dever cumprido.

Que Deus permita que eu me deixe conduzir por Ele, sem medos e com alegria, dando, no meu dia-a-dia, testemunho do que é ser cristão.

Assinante 60722

Mais uma renúncia

Todas as semanas jogo na lotaria popular, vício que tenho comigo. Por isso, resolvi fazer uma renúncia: não jogar e essa migalha enviá-la para a Casa do Gaiato para o que for mais preciso.

Assinante 57894

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Há dias, sensibilizou-nos a declaração feita pelo presidente duma Câmara. Embora convidado para deputado à Assembleia da República não aceitava o lugar. Preferia ficar, servindo o povo que o escolheu. Ali era o seu lugar de servir. Não se trocam os Homens honestos.

Como este têm aparecido outros. Homens que merecem H grande. Assim pudemos ver o resultado do seu esforço. A vida a crescer. Os problemas a terem solução.

Sempre que vemos este, e como ele outros

Homens, ficamos com vontade de lhes beijar as mãos pelas vezes que rabiscam o seu nome a assinar projectos para melhor futuro do seu povo.

Ficou-nos bem presente o desabaço, recente, do primeiro Ministro lamentando que não conseguiram destruir todas as barracas nem alojar os abarracados. É tarefa a que o novo primeiro Ministro e seu Governo lançarão mãos, levando-a a bom fim. É trabalho digno, de governantes dignos.

Os homens que servem, se for de verdade e em paz, fazem sempre maravilhas.

Padre Horácio

Barraca vazia: a Câmara da terra mandou levantar casas para Pobres.

